É de manhã. O álbum “12 de Janeiro” é o despertar maduro de Nando Reis para a conquista de uma identidade musical própria. Som acústico, arranjos limpos, densidade de criação e a presença inconfundível de uma experiência filtrada e cultivada - um criador que celebra e sofre, aprende e ousa, reflete e canta.

Conheciámos até aqui o titã metálico e o compositor de grandes sucessos na voz de intérpretes como Marisa Monte e Cidade Negra. Em “12 de Janeiro” - um momento aguardado por muitos - Nando Reis aparece inteiro. Aqui está a voz, o músico, o arquiteto de um espaço psico-acústico bem definido. Mais importante: aqui respira pela primeira vez o indivíduo e sua personalidade - aqui bate o pulso de um compositor dotado de forte carisma musical.

Um grão de areia contém o enigma da criação. Cada pessoa carrega em si toda a humanidade. A matéria-prima das canções de Nando aí está. É a certea do sensível, o momento fugaz, o particular como senha do universal - o concreto singular e prenhe do grão de areia no ser pessoal.

Mas se a lírica de “12 de Janeiro” é a certeza sensível da data em que se veio ao mundo e do nome próprio como ponte para o que nos é comum, sua musicalidade é por natureza - e imediatamente - pública. No trabalho de Nando Reis, não há fronteira rígida demarcando gêneros - nada de militâncias ou intransigência. Aqui convivem, sob um mesmo teto sonoro e em perfeita harmonia, elementos de rock e reggae, bossa-nova e timbalada, modinha e baião.

Diversidade aparente, unidade profunda. Do Itaim ao Candeal, da feira=livre ao aterro bossa-nova da Urca, da conta no banco rock de “Me diga” ao banco de praça sertanejo de “A menina e o passarinho”, o que ouvimos não é a dispersão eclética de gêneros justapostos, mas a afirmação bem sucedida de um modo de ser musical - a identidade artística e sonora que é a marca do criador capaz de traduzir experiências de vida em som.

A canção popular é um dom raríssimo. A canção popular é aquela que nos acompanha em silêncio nas horas anônimas, aquela que nos assalta e nos socorre nas frestas das calçadas e devaneios, nos circuitos internos e corredores secretos da memória. “12 de Janeiro” não deixa dúvidas. Nando Reis possui o dom incomum da composição popular - o achado melódico simples e difícil, a canção que pega e fica, seduz e faz cantar.

Eduardo Giannetti